

# MEMÓRIAS PARA UM MENINO DO ANO DOIS MIL

Apparício Silva Rillo

Eu sei que teus relvados serão verdes.  
 Eu sei que haverá flores sobre a relva.  
 Eu sei que escutarás canto de pássaros  
 e os verás entre as ramas também  
 verdes  
 - um verde de outro matiz  
 que não aquele em que teus pés  
 calçados  
 estarão proibidos de pisar.

Eu sei que haverá tanques e nos tanques  
 hectolitros de água verdazul,  
 e no claro das águas tantos peixes,  
 da cor de ouro alguns, prateados outros,  
 e estranhas rãs manchadas de amarelo  
 e acima delas a vitória régia,  
 a graça de uma garça sobre ela.

A tanto chegará a ciência de teus dias,  
 Menino do Ano dois Mil,  
 que relva e flores e pássaros e ramas  
 e água verdazul e peixes coloridos  
 e rãs, vitória-régia e gráceis garças  
 serão frutos do invento, do cálculo, da  
 técnica,  
 da fria inteligência dos homens de teu  
 tempo.

Tudo sintético, tudo mecânico,  
 Menino do Ano dois Mil.  
 Totalmente transistorizado tudo e todos  
 - o canto, a breve asa que tremula,  
 a barbatana que dança, a rama que  
 balança,  
 e até o vento, menino, até o vento.

Acharás os grandes parques parecidos  
 com paisagens que ficaram nos filmes e  
 slides  
 que o computador, teu professor, fará  
 rodar  
 na imensa tela de uma sala imensa  
 que se chamará, quem sabe, a Sala do  
 Passado.  
 E os pássaros parecerão iguais,  
 os peixes parecerão iguais,  
 as flores parecerão iguais.

Porque terão perecido  
 parecerão,  
 mas não serão.

Tu viverás o tempo da mentira,  
 Menino do Ano Dois Mil,  
 um número qualquer nas megalópolis  
 de aço polido sob um céu de chumbos.

Eu fui menino antes de ti sessenta anos  
 e tudo então não parecia,  
 era.

Era o capim que era verde  
 quando era tempo de seivas e de verdes.  
 Era a flor que se abria para um vôo de  
 abelhas  
 quando era tempo de flor e hora de  
 abelhas.  
 Era o canto do pássaro, dos pássaros  
 por entre ramas a coarem ventos  
 que galopavam como potros livres  
 por campos que não era de tartan.

Era a sanga, o arroio, era o lago, era o  
 rio.  
 Era o caniço sobre as águas limpas  
 e na fisga do anzol o lambari de pratas.  
 Era na mão que o cerrava um frêmito de  
 escamas  
 e um riso de dez anos que timbrava  
 como um címbalo de prata sob o sol.

Era meu pé descalço que pisava  
 as fundas trilhas que levavam gados aos  
 bebedouros dos arroios fundos  
 onde lontras ariscas mergulhavam  
 como um grito afundando no silêncio.

Era,  
 Menino do Ano Dois Mil,  
 não parecia.

Eram meus dentes a trincar nos matos  
 azedos de araçá, rubros de amoras,  
 leves de guabijus, mansas pitangas  
 e um ouro de laranjas que as geadas  
 faziam doces quando agosto vinha.

Eu mesmo fabricava meus brinquedos:  
 - minha espada de tala de coqueiro  
 meu arco e flecha, minha atiradeira,  
 minhas facas de arcos de barril.  
 E avião de duas asas e pandorgas  
 que eram bandeiras da infância  
 hasteadas no azul.

Sabes?  
 O céu da minha infância era limpo e azul.

Sabia versos que meu pai sabia  
 por haver aprendido de seu pai:

“Rei, capitão,  
 soldado, ladrão.  
 Moça bonita  
 do meu coração.”

E marchava para guerras de mentira  
 ao compasso marcial desta quadra  
 singela,  
 pisando firme para o rei do verso  
 me sagrar seu primeiro capitão,  
 para que as moças bonitas, de oito anos,  
 me sagrassem, também, no coração.

Tudo em meu tempo, meu menino, era.  
 E ser é muito mais que parecer.

Era, menino,  
 o seio de minha mãe, túrgido e manso,  
 e o leite dele que eu sorvia quente  
 em horas que eu não sabia, mas sentia.  
 Era a cantiga de ninar que ela cantava  
 e o menino que a seu canto adormecia.

Eu fui menino antes de ti sessenta anos  
 e tudo, então, não parecia,  
 era.

E era tanto  
 e tão profundamente,  
 que eu jamais imaginei um piá diferente  
 como tu, meu menino, no ano dois mil.